

CRÍTICA

À parte modismos, quem educa quem?

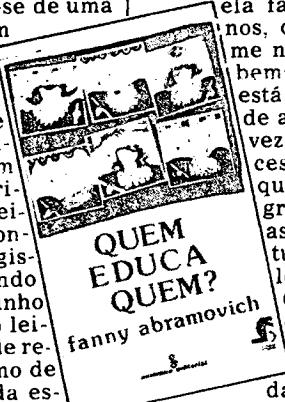
Quem educa quem? se pergunta Fanny Abramovich no livro que acaba de lançar pela Summus. Pergunta oportuníssima. Os textos através dos quais Fanny desdobra a pergunta-título têm várias origens: alguns nasceram das muitas andanças da autora a palmilhar congressos e similares; outros resultam da refacção de textos já publicados aqui e ali. Mas todos são muito instigantes. Se, evidentemente, o livro não responde à pergunta-título, as reflexões de Fanny enveredam por caminhos que parecem sugerir pistas para a resposta. Pessoal e intransferível, já se sabe.

Dentre os 15 textos que compõem o livro, "Os mestres dos grandes mestres" é sem dúvida um ponto alto. Trata-se de uma entrevista que a autora faz com três grandes educadores brasileiros: Antônio Cândido, Vilanova Artigas e Paulo Freire. Em contraponto com a imagem que de cada um deles fazem ex-alunos, os três entrevistados evocam o processo de sua formação: primeiros professores, primeiras leituras, formação profissional, condições de estudo, práticas de magistério... tudo vem à tona, constituindo o texto entrecortado um testemunho e um documento que deixam no leitor a vontade muito aguda tanto de repensar sua própria formação, como de conhecer melhor o cotidiano da escola brasileira, de ficar sabendo de práticas educativas que não constam das histórias oficiais. As vozes que desfiam memórias de si e dos outros, parecem dar vida à aquilo que leis, decretos e congêneres cristalizam, e que parece ser o que se estuda quando se estuda a história da educação brasileira.

Ainda na esteira do depoimento/documento vêm as páginas nas quais Fanny carinhosamente vai recuperando de suas recordações de educadora sensibilíssima que sempre foi suas experiências mais antigas. Através destes textos ficamos sabendo que além de muito sensível, Fanny é também muito sensata: tanto que guardou trabalhos de alunos, pesquisas, comunicados da escola aos pais, a papela toda. Refletindo ago-

ra sobre estes documentos, Fanny continua aprendendo e, mais do que isso, compartilhando sua aprendizagem conosco, que lemos seu livro. Novamente o leitor se sente chamado a participar, a buscar no baú de suas lembranças a sua experiência, e a partir dela a ir construindo seu caminho de educador em educação permanente.

Gostaria ainda de salientar outro texto do livro: "Nome da escola: um atestado ideológico", que discute — no estilo irreverente que é a marca registrada da autora — a filosofia subjacente à designação de tantas escolas que assolam o território paulistano. Como Fanny mostra muito bem, o nome da escola, nomeando-a, nomeia a imagem que ela faz de si mesma, de seus alunos, de educação, etc. Pois, se o nome não é a coisa, como todos já sabemos bem, no ato de quem nomeia está contido, não obstante, o gesto de atribuição de significado. Uma vez nomeadas as coisas, as chances de que elas passem a ser o que delas dizem seus nomes é grande, principalmente quando as coisas em questão são instituições tão marcadamente ideológicas como escolas. Assim, do **Colégio Imperial Pedro II** ao **Re-canto Ameno da Vovó** e à **Escola de Segundo Grau Alternativa**



Certa se tem um percurso da escola brasileira, a propósito do qual é possível uma leitura como a que faz Fanny, mas uma vez muito mais estimulante do que a leitura que da nossa educação fazem os que se debruçam sobre a frieza de dados, datas, reformas e decretos.

Perpassa em todos os textos a preocupação da autora com escola, educação, educadores, crianças. Ressalta do percurso que todos estão reduzidos a frangalhos por tudo o que sobre o contexto educacional vem se abatendo há muitos anos. Entre todos os problemas de que Fanny se ocupa, o que mais me constrange é a perda de identidade do educador, levado a mudar de roupa a cada nova reforma educacional, a cada novo modismo pedagógico, sem que ninguém se lembre de contar para ele por que é mesmo

Educação
97 SET 1985
JORNAL DA TARDE

que agora, por exemplo, ele ensina **Comunicação e Expressão** e não mais **Português**.

Como a fala dos cruzados e missionários, o discurso de Fanny não abre muitas pausas para o leitor respirar e tomar fôlego, de tanto que nos solidarizamos com a (justíssima e pungente) indignação da autora em face de nossa degradada situação educacional. Assim, num dos raros momentos em que consegui romper o envolvimento que o texto de Fanny engendra, desprendi os olhos das linhas e o coração de seu apos tolado e fiquei ruminando com meus botões.

Perguntei-lhes, por exemplo, se o texto não corria o risco de articular uma espécie de promessa (falsa) de um paraíso pedagógico no qual, expulsa a serpente dos conteúdos tradicionais (como por exemplo memorizar tabuadas, acidentes geográficos e esquadriñar sintática de um período), todos seriam felizes para sempre.

E meus botões me responderam que sim. Que não há conteúdos melhores e piores. Que há, talvez, práticas educacionais melhores e piores, que a transformação das ruinhas em melhorinhas talvez não dependa tanto do objeto (conteúdo) que lhe serve de pretexto. Que talvez mais relevante do que o conteúdo seja a imagem que de educação e seus correlatos assumem os educadores de todos os escalões. Que sem isso, talvez seja de somenos tirar o Pato Donald da decoração das classes, levar as crianças para passear de trem, ou substituir o teatro clássico pelo mambembe. Pois uma das características de sociedades como a nossa é exatamente sua capacidade de digestão, através da qual o que era contestador e alternativo torna-se absolutamente inserido no contexto. Que é, aliás, o que talvez se reflita na idiotice de tantos nomes de escolinhas, nos tão freqüentes casos em que os nomes são mero engodo — paródia e caricatura — da criatividade, da afetividade, da liberdade, do respeito à infância essenciais a qualquer projeto educativo decente e democrático.

Marisa Lajolo